

revista portuguesa de arqueologia

arqueologia

vol. 22
2019

Revista Portuguesa de Arqueologia

Volume 22 – 2019

Conselho Editorial

Andrea Martins
(Representante da Associação dos Arqueólogos Portugueses)
António Faustino Carvalho
(Professor da Universidade do Algarve)
Jean-Yves Blot
(Arqueólogo naval – CHAM – Centro de Humanidades)
José Ruivo
(Diretor do Museu Monográfico de Conimbriga)
Maria Catarina Coelho
(Diretora do Departamento dos Bens Culturais)
Rui Morais
(Professor da Universidade do Porto)
Vítor Oliveira Jorge
(Professor aposentado da Universidade do Porto)

Coordenação executiva

António Marques de Faria
DGPC | DDCI

Design gráfico

António Cruz
DGPC | DDCI

Paginação

Inês Rombouts Boiça
DGPC | DDCI

Impressão e acabamentos

Frases Favoritas, Lda.

Data de impressão

Dezembro de 2019

Tiragem

400 exemplares

ISSN: 0874-2782

Depósito Legal: 125568/98

Edição

Direção-Geral do Património Cultural
Palácio Nacional da Ajuda
1349-021 Lisboa

dgpc@dgpc.pt

www.patrimoniocultural.gov.pt

A DGPC respeita os originais dos textos que lhe são enviados pelos autores, não sendo, assim, responsável pelas opiniões expressas nos mesmos, bem como por eventuais plágios, cópias, ou quaisquer outros elementos que de alguma forma possam prejudicar terceiros.

Índice

- 5–30 **Um machado votivo de talão perfurado proveniente da gruta da Lapa da Galinha (Vila Moreira, Alcanena, Portugal)**
Marco António Andrade & Daniel van Calker
- 31–42 **Valdanta: o vale da anta que nunca foi ...**
Rui Mataloto
- 43–53 **Análise arqueométrica dos artefactos metálicos do “Tesouro” de Baleizão**
Pedro Valério, Rui Jorge C. Silva, Maria de Fátima Araújo & António M. Monge Soares
- 55–78 **Crónica de onomástica paleo-hispânica (28)**
António Marques de Faria
- 79–93 **Aspectos da presença militar romano-republicana no Castro de Chibanes (Palmela)**
Joaquina Soares, Carlos Tavares da Silva, Susana Duarte, Teresa Rita Pereira & Vincenzo Soria
- 95–99 **Una posible nueva tésera monetiforme en plomo de ‘VALERIA’**
David Martínez Chico & Francisco Miguel Bejarano Neila
- 101–116 **Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – VIII**
Jorge de Alarcão
- 117–128 **Apostilas epigráficas – 9**
José d’Encarnação
- 129–140 **A villa da Abadia (Santa Comba Dão, Viseu): materiais arqueológicos e vias de comunicação**
Pedro Matos & Helena Catarino
- 141–161 **O antigo padrão de pesos da Câmara de Lisboa, «neste reino singular»**
Luís Seabra Lopes
- Arqueologia na DGPC**
-
- 165–166 **O LARC em destaque**
LARC
- 167–178 **Desenvolvimento das escavações arqueológicas em Conímbriga (DEARCON, 2012–2018): apreciação sumária dos trabalhos e resultados**
Virgílio Hipólito Correia
- Arqueologia em Portugal. Recuperar o passado em 2018**
-
- 183–191 **Castro de Guifões (Matosinhos): evidências de uma ocupação diacrónica**
Andreia Arezes
- 193–201 **O sítio arqueológico de São Simão**
Sónia Vicente, Ana Luísa Mendes & Flávio Simões
- 203–208 **Muralha medieval de Viana da Foz do Lima**
Pedro Miguel D. Brochado de Almeida & João Miguel Matos Soares
- 209–215 **O Salão Central Eborense: de covas de pão a sala de cinema**
Eva Basílio, José Rui Santos, Rosária Leal, Ricardo Sarmento & Jorge de Oliveira
- 217–225 **O Projecto Um complexo portuário milenar no Barlavento Algarvio: a arqueologia do estuário do rio Arade**
Cristóvão Fonseca & José Bettencourt
- 227–234 **Arqueologia preventiva na Baixinha de Coimbra: contributos para a história da cidade**
Nuno Silveira, Dário Antunes, João Nuno Marques & Lília Basílio
- Legislação sobre o património arqueológico**
-
- 239–240 **Proteção legal de património arqueológico: procedimentos**
Maria Ramalho

O Salão Central Eborense: de covas de pão a sala de cinema

* Arqueóloga (Divisão de Cultura e Património, Câmara Municipal de Évora).

** Arqueóloga (Divisão de Cultura e Património, Câmara Municipal de Évora).
jr.ribeiro.santos@gmail.com

*** Arqueóloga (Divisão de Cultura e Património, Câmara Municipal de Évora).
rosaria.leal@gmail.com

**** Arquiteto (Divisão de Cultura e Património, Câmara Municipal de Évora).

***** Professor (CHAIA/ Universidade de Évora).
joli@uevora.pt

Eva Basílio*
José Rui Santos**
Rosária Leal***
Ricardo Sarmento****
Jorge de Oliveira*****

Resumo No âmbito da obra de Requalificação do Salão Central Eborense, realizou-se uma intervenção arqueológica programada, de forma a redefinir uma nova funcionalidade ao espaço, tendo como objetivos identificar eventuais constrangimentos à execução da obra, bem como estruturas ou níveis arqueológicos significativos, a sua caracterização, em termos de valor patrimonial e as respetivas medidas de minimização e salvaguarda a implementar. A primeira fase da presente campanha desenvolveu-se entre 7 de agosto de 2017 e 23 de julho de 2018 e contou com a colaboração de equipa de voluntários da área da arqueologia, da Universidade de Évora. A segunda fase realizar-se-á em acompanhamento de obra, por implicar áreas a demolir, cuja data se estima para o próximo ano.

Abstract Within the context of the Rehabilitation Project of the Salão Central Eborense — former movie theater of the city — a preventive archaeological intervention, promoted by Évora's Municipality, was conducted in order to redefine a new functionality for the space. The works had, as their main objective to identify any constraints towards the final structural intervention, as well as meaningful archaeological levels and/or remains, its characterization in terms of heritage value and the appropriate minimization and safeguard measures to be implemented. The full intervention developed in its first stage, between August 7, 2017 and July 23, 2018. The second stage is scheduled to be conducted in terms of monitoring the follow-up architectural intervention, given the existence of areas to be demolished, whose date is estimated for next year.

1. Enquadramento geográfico

O edifício localiza-se no Centro Histórico de Évora, em zona delimitada a norte pela antiga Rua da Selaria, a Sul, pela atual Rua de Valdevinos, onde se situava o antigo *souk* islâmico. Insere-se, ainda, na área de influência da Igreja de S. Pedro, sítio fundacional duma primeira Sé (Clemente, 2007, p. 230) e “*um dos mais antigos templos da cidade (...) pertença dos templários, no séc. XII*” (Ballesteros & Gonçalves, 2007, p. 161), e a escassos metros, a sul, da antiga Cerca Velha — a da Igreja de S. Vicente. É considerado um edifício emblemático da Évora, que marca o urbanismo da zona pela sua dimensão e posição, mas também pelo facto de se tratar um elemento de primordial importância no panorama cultural da cidade do século XX (Fig. 2).

2. Enquadramento arqueológico

O edifício havia já sido alvo de trabalhos arqueológicos, numa primeira campanha, entre agosto de 2001 e setembro de 2002 para implementação do projecto que visava a sua recuperação (Ballesteros & Gonçalves, 2002). Os trabalhos então realizados, pela equipa da Universidade de Évora, permitiram identificar algumas estruturas e vestígios, que deixavam indícios de que o espaço iria revelar a existência de outros. A abertura de uma sondagem junto ao palco (A) revelou um silo; a sondagem aberta na área da cabina de projecção (B) permitiu identificar um tanque relacionado com a provável tintagem ou lavagem de lãs e, sob este tanque, sete silos, que revelaram um significativo espólio arqueológico.

No decurso dos trabalhos agora desenvolvidos, foi possível identificar um conjunto de estruturas — três muros e 26 silos¹, que, pela sua dispersão, parecem ter seguido algum alinhamento ou sido condicionados pela capacidade de escavar no solo.

Dos 26 silos identificados, 15 foram alvo de escavação integral e 11 foram escavados parcialmente, por se encontrarem em áreas que implicavam a demolição de estruturas, ou por razões de segurança.

Registámos distintas dimensões e morfologias, bem como tipos de fundos e revestimentos.

Trata-se de estruturas negativas escavadas



Fig. 1 – Planta da localização do sítio.



Fig. 2 – Salão Central Eborense. Fachada sul.

na rocha (granítica e xistosa) de formato oval, cilíndrico ou em forma de pinha, sendo que encontrámos um revestido a argamassa de cal, na S. 11, e outro na S. 14, que apresentava numa das paredes um aparelho construtivo diferenciado de todos os outros, constituído por pedras e tijolo emparelhado, o que indicia ter rasgado um outro mais antigo.

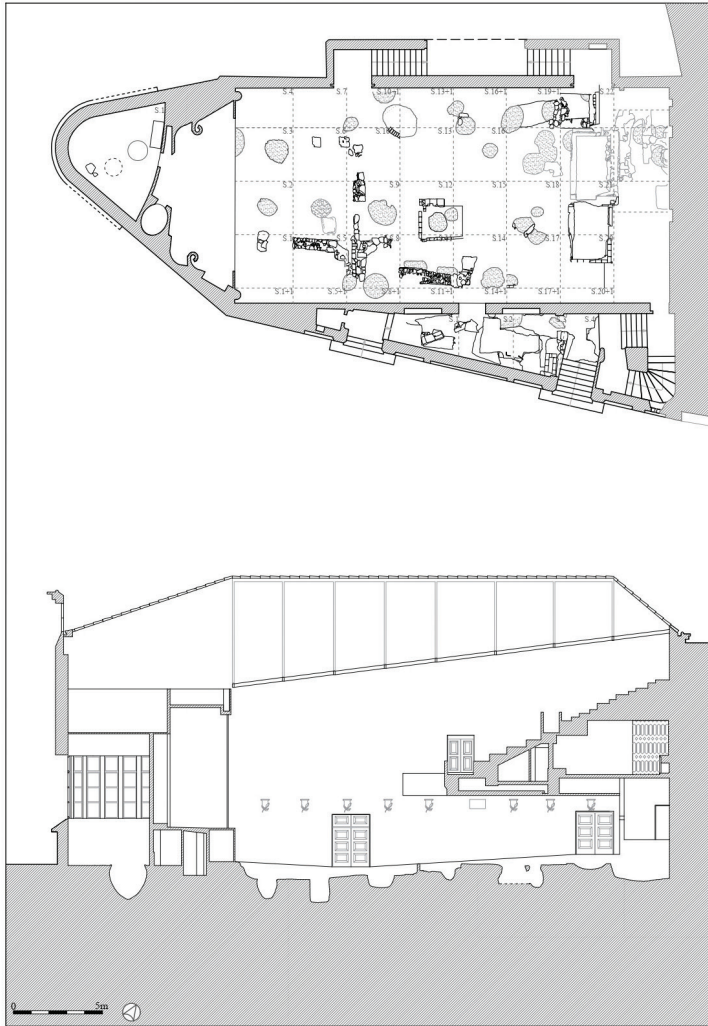
As dimensões variam entre os 3,20 m de profundidade por 2,50 m de largura (S10 e S10+1) e 0,40 m de diâmetro de abertura e 0,45 m de profundidade (S. 12) (Fig. 3).

3. O espólio arqueológico

O espólio recolhido é bastante diversificado e abrange um amplo arco cronológico — desde o Período Romano até à atualidade — tendo sido recolhido, essencialmente, do interior das estruturas negativas, em contexto

¹Considerando um “silo” um reservatório aberto no solo com a finalidade de aí serem armazenados bens alimentares secos — cereais e frutos — por períodos de tempo médio a longo. Foram, posteriormente, desativados por razões de higiene, estruturais, administrativas ou de localização, passando a ser reutilizados como local de despejo de detritos urbanos, ou funcionando como lixeiras e fossas sépticas.

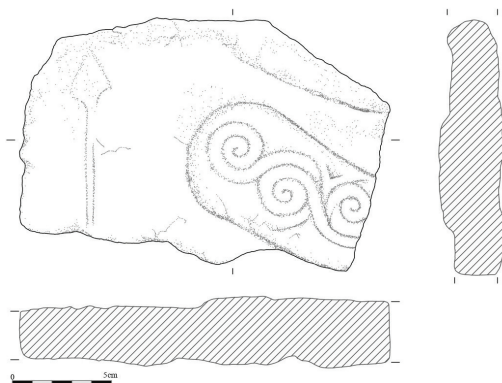
Fig. 3 – Planta e secção longitudinal da zona escavada.



O Período Romano encontra-se representado, essencialmente, por *terra sigillata* do Baixo-Império, bastante fragmentada e em mau estado de conservação, pelo que não abordaremos aqui essa tipologia de materiais. Foi recolhido um baixo-relevo em mármore — da zona de Santarém — do Período Visigótico, decorado com uma trança em espirais emoldurada, e um outro elemento que se assemelha a uma flecha (silo da S2 [UE3]) (Fig. 4).

Estes baixos-relevos são típicos dos séculos VI e VII, e encontravam-se, normalmente, tanto no interior como no exterior das Igrejas. Podem observar-se algumas peças com este tipo de decoração no Castelo de Cendufe e no Castelo do Alandroal (Almeida, 1962, p. 41, Fig. 8; Estampa II, Fig. 77) e ainda no Nicho da Igreja de Vera Cruz de Marmelar, que apresenta uma decoração semelhante

Fig. 4 – Placa de mármore decorada com espirais.



En las impostas del arco corre una decoración similar, de cintas ochavadas y círculos dobles, que ha sido cortada al realizarse el hueco de la ventana (Morín, 2014, pp. 21–22).

de revolvimento e, por essa razão, totalmente descontextualizado.

De referir que dada a grande quantidade de espólio, o conjunto de materiais aqui apresentado, constitui apenas a seleção do que consideramos mais representativo, já que tanto a intervenção como o seu estudo não estão concluídos.

No silo da S13+1 [UE2], em contexto islâmico, encontrou-se um molde de fundição de metais, em xisto, que se apresenta fragmentado num dos extremos, duas incisões em forma de argolas e três furos em cada extremidade (Fig. 5). Aparenta estar inacabado, dado que a incisão que iria permitir a escorrência do metal fundido, não se encontra completamente aberta. Podem encontrar-se paralelos nos moldes de fundição exumados no decorrer dos trabalhos arqueológicos realizados no Terreiro do Parguinho, em Tavira (Cavaco, 2011, p. 21), bem como em Silves (Gonçalves, Valério & Araújo, 2007, pp. 172–173) e nas imediações de Pias (Serpa), numa estação

romana com ocupação medieval (Soares, 1993, p. 219).

Foi selecionado um conjunto de materiais respeitante ao Período Islâmico, que abarca uma cronologia entre o século X e o século XII, com destaque para três peças decoradas a verde e manganês e corda seca e ainda fragmentos de uma tampa e de uma jarra (Fig. 5).

Exumados do silo A da S2 da zona do corredor, selecionámos ainda alguns fragmentos de jarra vidrada a verde malaquita com decoração fitomórfica — flor de lótus² — a branco, associada aos séculos XIII/XIV. Encontramos paralelos num fragmento de pia de abluções, em corda seca total, com motivos pseudo-epigráficos e geométricos (círculos a branco) da Horta dos Mouros, em Tavira, da segunda metade do século XII e primeira do século XIII (CMT, 2013, pp. 52–53). Em Marraquexe foram igualmente identificados exemplares semelhantes³.

Do silo da S8, foram exumadas duas tigelas vidradas, em verde e manganês, bordo extrovertido, lábio circular e fundo anelar. Ambas apresentam decoração geométrica, e uma delas apresenta decoração fitomórfica, semelhantes a peças documentadas em espólios dos séculos X/XI (Fig. 5). Em Évora, na Rua Vasco da Gama, num contexto habitacional (Sarantopoulos, 2003), foi retirada de um dos silos uma tigela muito semelhante, característica do século XI. Esta forma aparece, igualmente, no Castro da Cola (Gómez, 1995, p. 62) e em Silves (Gómez, 2007, p. 116). Na Alcáçova de Silves também foi encontrado um fragmento correspondente a parte do bojo e do bordo de uma taça (Gomes, 2003, pp. 448, 450, Q38/C5-1).

Recolheu-se do silo da S14 uma jarrinha em cerâmica comum, também dos séculos X/XI, de duas asas, em secção oval, carena alta e

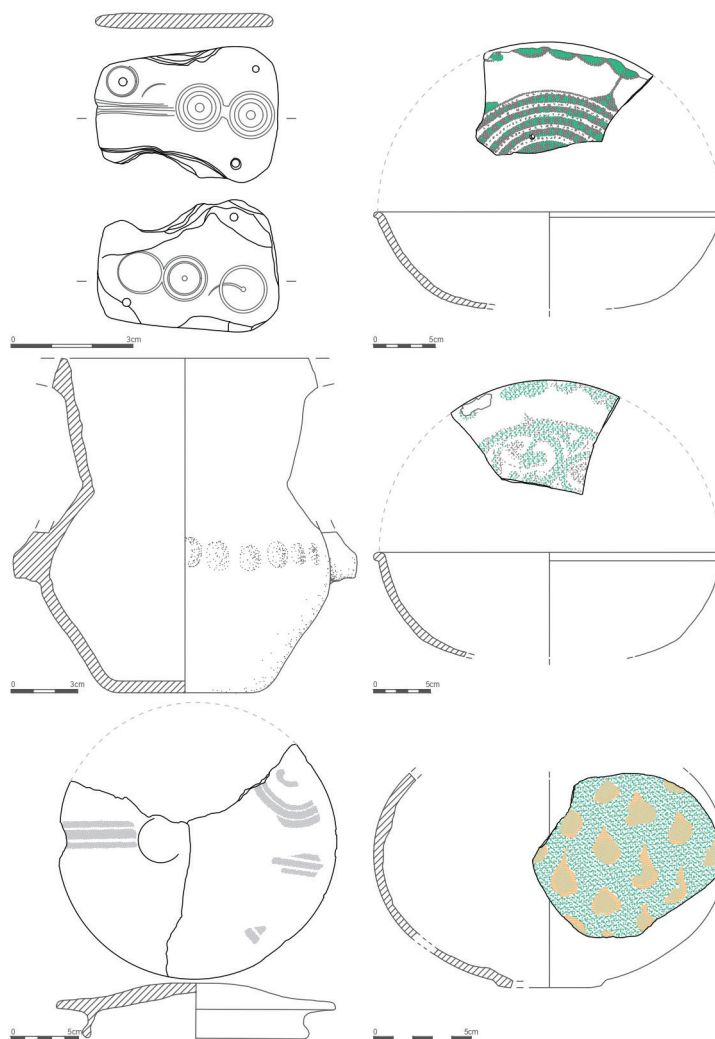


Fig. 5 – Seleção de materiais do Período Islâmico.

base convexa, decorada na zona do bojo com punções circulares (Fig. 5), semelhante a uma peça que se encontra no Museu Arqueológico de Córdoba, procedente da Madinat-al-Zahra (Cano, 1996, p. 83, MC/60).

O conjunto selecionado, de cronologia moderna, é representativo do período entre os séculos XV e XVII, destacando-se formas em cerâmica comum, cerâmica vidrada e faiança.

Alguns destes materiais foram exumados do interior da talha da zona dos Camarins [UE5], destacando-se duas jarrinhas em cerâmica comum, de bordo direito, colo pouco alto, corpo boleado e fundo plano, características do século XV. Destaque ainda para a jarrinha decorada verticalmente desde o bordo até ao fundo (Fig. 6), com marcas de aferição circulares semelhantes a um recipiente de medida, em cerâmica comum, encontrado no

²A flor de lótus, símbolo dos jardins prometidos para além da morte, é comumente representada na parte central e periférica das peças. No Alcorão surge associada a jardins pacíficos e paradisíacos. Entra na cultura muçulmana, sobretudo a partir do século X, vinda do Oriente, nomeadamente da China, mas encontra-se também representada desde a antiguidade egípcia, não sendo conhecida, então, na Península Ibérica. Portanto, o desenho evoluiu aqui, sem o conhecimento da própria planta e por vezes é difícil de reconhecer, tanto mais que ela é representada em diversas fases do seu crescimento (Torres, 2004, p. 38).

³https://issuu.com/museum_tavira/docs/tavira_islamica/102

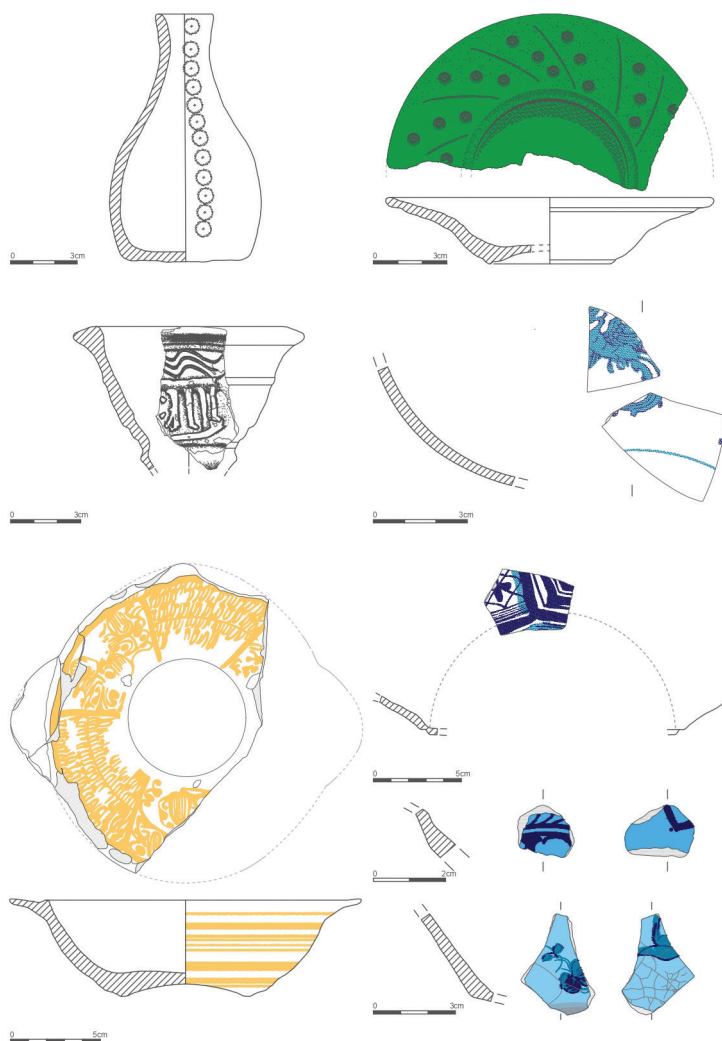


Fig. 6 – Seleção de peças do Período Moderno.

Castelo de S. Jorge (Bugalhão & Coelho, 2015, p. 127, Fig. 20) e ainda numa bilha encontrada no Alandroal, datada de entre os séculos XIX e XX, e depositada no Museu Nacional de Arqueologia (ETNO 3052)⁴.

Embora bastante referenciada na documentação escrita desde o Período Medieval, a origem desta tipologia de material é variável, dependendo de cada medida, e o seu fabrico prolonga-se no tempo.

Na S14, foi identificado o que se afigura ser um fragmento de copo, pertencente ao século XV, de bordo triangular, vidrado a verde, escorrido no interior e no exterior, e decorado com epígrafe gótica, de produção *Mata da Machada*, em Lisboa (Fig. 6).

Foi ainda exumada do interior da mesma talha [UE5] uma taça de bordo direito e fundo anelar, em efeito metálico a ouro e decorada com motivos geométricos e fitomórficos, associada às produções do século XVI, proveniente

de *Manises* (Valência) (Fig. 6). Esta taça encontra-se classificada na “Série clássica”, do século XV, cuja técnica de efeito metálico, bastante complexa de executar, se destacou pela mistura de motivos decorativos cristãos e muçulmanos, mas também por motivos vegetalistas.⁵ É exemplo, uma taça semelhante do Museu de Cerâmica de Barcelona, que apresenta decoração em série folha de cardo, do século XV (Sánchez & Giral, 1996, p. 54). No silo da S16 [UE5] identificámos um fragmento de majólica italiana decorada no interior, da segunda metade do século XVI, com motivos vegetalistas a azul e, no exterior, motivos geométricos (Fig. 6), semelhante a uma majólica desta tipologia (N.º 11620), encontrada no Convento de Jesus de Setúbal, para a qual não foi possível atribuir uma oficina específica, mas tratando-se de uma peça

com decoração de azul sobre azul, ou blu berettino, mais concretamente pertencentes ao estilo calligráfico a volute tipo C, em que junto ao bordo se encontra uma faixa formada por motivos vegetalistas de folhas e ramos, mais ou menos estilizados, com pequenas folhas espaçadas (Almeida, 2013, pp. 1158–1159).

No silo da S14 foi encontrado um prato de média dimensão, de bordo em aba direito e fundo côncavo, vidrado a verde no exterior e, no interior, uma aguada a branco com estampilhado em círculos e linhas (Fig. 6). Trata-se de uma produção local, cuja cronologia é atribuída também aos finais do século XVI.

Ainda de finais do século XVI e inícios do XVII, no silo da S16 [UE5] foi possível recolher fragmentos de uma malga em porcelana chinesa, decorada no interior com motivos geométricos a azul e, no exterior, uma fénix, a azul (Fig. 6), semelhante ao fragmento de fundo de um prato com um medalhão central, delimitado por duplo traço e a cabeça de uma fénix, encontrado no rio Tejo. Embora sem contexto arqueológico definido, através do estudo da sua forma e decoração, foi atribuída ao reinado do imperador *Jiajing* (1522–1566).

Símbolo do sol, da fertilidade, colheita abundante, boa sorte e longevidade (...) é o segundo dos animais imortais taoístas a seguir ao dragão, seguida do unicórnio

⁴www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=134530

⁵www.balclis.com/es/la-ceramica-de-manises-historia-del-material-mas-veraniego

e da tartaruga também emblema da imperatriz” (Casimiro & Henriques, 2016–2017, p. 275, Fig. 1B).

Também são conhecidos dois pratos com o motivo da fénix, datados de meados do século XVI (Casimiro & Henriques, 2016–2017; Matos, 1996, p. 61), existentes na Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, em Lisboa, bem como dois pratos com um motivo semelhante, encontrados no Convento de Santana em Lisboa (Casimiro & Henriques, 2016–2017, p. 276; Gomes & Casimiro, 2015, p. 99, Fig. 7.3 A-B). Ainda do silo da S16 [UE5] foi possível retirar um fragmento de prato de sopa de média dimensão, decorado a azul com motivos geométricos, de produção nacional, cuja cronologia é atribuída a inícios do século XVII.⁶ Já dos finais do século XVII, destaca-se um fragmento de faiança decorada de ambos os lados com motivos vegetalistas e zoomórficos a azul, proveniente de Delft⁷ (Fig. 6).

Bibliografia citada

- ALMEIDA, Fernando (1962) – *Arte visigótica em Portugal*. Tese de Doutoramento em Arqueologia e História de Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Lisboa,
- ALMEIDA, Mariana Brito (2013) – *As cerâmicas de importação do Convento de Jesus de Setúbal: majólicas italianas e porcelanas*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.
- BALLESTEROS, Carmen; GONÇALVES, Gerardo Vidal (2007) – Intervenções arqueológicas no centro histórico de Évora, 2000–2002. *Monumentos*. 26, pp. 156–163.
- BUGALHÃO, Jacinta; COELHO, Inês Pinto (2015). – Cerâmica moderna de Lisboa: proposta tipológica. In CAESSA, Ana Sá; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da, eds. – *1 Encontro de arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação*. Lisboa: Câmara Municipal, pp. 106–145.
- CANO PIEDRA, Carlos (1996) – *La cerámica verde-manganeso de Madinat Al-Zahra*. Granada: El Legado Andalusi.
- CASIMIRO, Tânia; HENRIQUES, José (2016–2017) – Da China ao fundo do Tejo. Fragmentos de porcelana dos séculos XVI e XVII. *Cira Arqueologia*. 5, pp. 274–282.
- CAVACO, Sandra (2011) – *O Arrabalde de Bela Fria. Contributo para o estudo da Tavira islâmica*. Dissertação de Mestrado em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo, Universidade do Algarve.
- CLEMENTE, M. (2007) – Inventário do Património Arquitectónico. *Monumentos*. 26, pp. 224–235.
- GOMES, Rosa Varela (2003) – *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a Alcáçova*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (1998) – Cerâmica verde e manganês do Castro da Cola. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, pp. 57–65.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2007) – Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ândalus, Campo Arqueológico de Mértola. In *Seminário – “A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro”*, Mértola
- GONÇALVES, Maria José; VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, Maria de Fátima (2007) – Um molde islâmico de um arrabalde da cidade de Silves. *Xelb*. 8, pp. 169–176.
- MORÍN DE PABLOS, Jorge (2014) – *Estudio histórico-arqueológico de los nichos y placas-nicho de*

4. Considerações finais

A presente intervenção arqueológica, apesar de não terminada — há ainda a realizar o acompanhamento arqueológico da obra de requalificação — revelou dados importantes, não apenas para o conhecimento do sítio, mas permitiu também identificar distintas fases de ocupação e funcionalidades do espaço, bem como constatar que a construção do edifício e as alterações de que foi sendo objeto, não afetaram substancialmente a topografia, mas, antes, foram condicionados por ela. As estruturas, apesar de se revelarem parcialmente destruídas na sua parte superior, permitiram ainda que subsistisse, no seu interior, um elevado número de vestígios, dos quais aqui são apresentados alguns exemplos. Foi ainda possível encontrar os vestígios duma das últimas atividades ali desenvolvidas — o tanque de lavagem da antiga fábrica de lanifícios — permitindo calcular a sua dimensão total.

⁶Das faianças portuguesas recuperadas no Tejo, encontrou-se uma peça com decoração denominada de pequenas espirais, as quais têm vindo a ser registadas desde finais do século XVI, mas que tem o seu período áureo de produção entre 1610 e 1635, desaparecendo completamente na segunda metade do século XVII (Casimiro, 2016–2017, p. 264, Fig. 2A).

⁷A faiança holandesa de Delft aproxima-se muito da porcelana chinesa, pela qualidade do seu vidro e pela ornamentação fina. Com a conquista da Antuérpia por Filipe II, muitos dos ceramistas italianos aí instalados, desde o início do século XVI mudaram-se para a cidade de Delft tendo, então, os artefatos imitado as cores chinesas, surgindo o azul de Delft.

<http://tempohistorias.blogspot.com/search/label/Faian%C3%A7a%20de%20Delft>

Época Visigoda en la Península Ibérica: origen, funcionalidad e iconografía. Toledo: Auditores de Energía y Medio Ambiente S.A.

RICO, Tânia (2001) – Salão Central Eborense, um olhar sobre o seu património. *A Cidade de Évora*. II Série. 5, pp. 453–465.

SÁNCHEZ PACHECO, Trinidad; GIRAL, María Dolores (1996) – *Dos Árabes a Miro. Cerâmica Espanhola nas Coleções do Museu de Cerâmica de Barcelona /From the Arabs to Miro. Spanish Ceramic in the Collections of Barcelona Ceramic Museum*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo.

SARANTOPOULOS, Panagiotis (2003) – *Relatório de trabalhos de acompanhamento arqueológico. Praça do Sertório – Rua Vasco da Gama, Évora*.

SOARES, António Monge (1993) – Um molde islâmico encontrado em Pias (Serpa). *Arqueologia Medieval*. 2, pp. 219–220.

TORRES, Nádía Ferreira (2004) – *O desenho na cerâmica islâmica de Mértola*. Mestrado em Desenho, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.

Páginas de Internet

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?ldReg=134530>

https://issuu.com/museum_tavira/docs/tavira_islamica/102

<https://www.balclis.com/es/la-ceramica-de-manises-historia-del-material-mas-veraniego>

<http://tempohistorias.blogspot.com/search/label/Faian%C3%A7a%20de%20Delft>